

Inglês insiste em conquistar prestígio a partir do 1.º ciclo

Ministério da Educação e Ciência quer dar maior consistência ao ensino da língua inglesa em todos os níveis de ensino, dando-lhe importância no currículo dos alunos. Criou um grupo de trabalho para analisar o parecer do Conselho Nacional de Educação, que recomenda o ensino do Inglês a partir do 3.º ano do 1.º ciclo, e estreou o Key for Schools no 9.º ano. Os resultados desta prova de aferição de conhecimentos são divulgados sexta-feira.

 Sara R. Oliveira

 09-07-2014

 Gosto 14


 Tweet 1

 Partilhar 1



a a

 comunidade

 comentar

 imprimir

Os resultados do teste de diagnóstico Key for Schools, concebido pela Cambridge English Language Assessment da Universidade de Cambridge, são conhecidos nesta sexta-feira, 11 de julho, mais de um mês depois da data inicialmente prevista para a divulgação das notas. A insuficiência de professores classificadores para a correção das provas foi a razão que o Instituto de Avaliação Educativa (IAVE) apresentou para o atraso, chegando a comentar a falta de dedicação de alguns docentes nessa tarefa. Os exames estão corrigidos e faltam poucos dias para que cerca de 121 mil alunos do 9.º ano saibam a nota do teste de aferição de conhecimentos, que não tem peso na nota final. Esta sexta-feira, os resultados são

divulgados numa apresentação que terá lugar na Escola Secundária Eça de Queirós, em Lisboa. A 15 de julho, as escolas recebem as notas dos alunos e a partir dessa data os pais e encarregados de educação podem solicitar o relatório individual no estabelecimento de ensino onde foi realizada a prova. Os certificados estarão disponíveis a partir de 29 de setembro de 2014 e terão de ser levantados na escola onde o teste foi feito.

Nos últimos anos, a disciplina de Inglês ganhou relevo nos programas curriculares. A partir de 2011, o Ministério da Educação e Ciência (MEC) decidiu aplicar medidas que dessem uma maior consistência ao ensino da língua estrangeira e que permitissem uma maior homogeneidade de conhecimentos. Tornou obrigatório o ensino do Inglês no currículo entre o 5.º e o 9.º anos, durante cinco anos consecutivos. Ao mesmo tempo, introduziu novas metas curriculares adaptadas a esses anos do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico. No 1.º ciclo, o Inglês foi incluído na oferta complementar, o que, segundo o MEC refere ao EDUCARE.PT, "constituiu o primeiro passo para garantir que professores de carreira do mesmo agrupamento acompanhem os alunos deste nível de ensino".

Neste momento, há mais uma etapa a ser tratada no ensino da língua inglesa, prevendo-se que a disciplina passe a ser obrigatória já no 1.º ciclo. O MEC pediu um parecer sobre o assunto ao Conselho Nacional de Educação (CNE), que recomendou o ensino do Inglês a partir do 3.º ano de escolaridade com uma periodicidade de, pelo menos, duas horas por semana, a partir do ano letivo 2015-2016. Mediante as sugestões, a tutela nomeou um grupo de trabalho para estudar a introdução do Inglês no 3.º e 4.º anos do 1.º ciclo. "Um primeiro relatório do referido grupo de trabalho está neste momento a ser analisado pelo Governo", adianta o MEC ao EDUCARE.PT.

"Tendo em conta a relevância que um bom domínio da língua inglesa pode representar como fator de sucesso pessoal, académico e profissional dos nossos alunos, o atual Governo tem vindo a acompanhar e a avaliar o ensino do Inglês, o sucesso registado pelos alunos e o impacto das reformas efetuadas", revela o MEC. O Key for Schools é também uma ferramenta deste processo que permite aplicar uma avaliação externa com critérios internacionais. O MEC fala num "passo importante para uma desejável avaliação de carácter internacional do nível de proficiência na língua inglesa". "A avaliação externa da capacidade de compreensão e expressão oral de uma língua estrangeira, aspeto essencial do domínio de uma língua, estava ausente da avaliação externa há várias décadas", lembra, acrescentando que "a avaliação externa representa um importante passo para o nosso sistema de ensino das línguas estrangeiras".

O Key for Schools, reconhecido internacionalmente em termos de qualidade técnica, foi realizado por 1,2 milhões de alunos de cerca de 100 países. E se os estudantes têm oportunidade de testar conhecimentos a uma das línguas mais faladas no mundo, os professores têm acesso a programas de formação da Universidade de Cambridge. Um aspeto que o MEC destaca como uma "oportunidade de desenvolvimento profissional destes docentes". "A prova Key for Schools deve também ser encarada por professores, pais e alunos como um desafio para uma continuada elevação do nível de proficiência alcançado por cada aluno", sublinha.

A equipa de Nuno Crato aguarda pela divulgação dos resultados do Key for Schools. Resultados que, na sua opinião, "permitirão estabelecer e enquadrar melhor novos patamares de exigência e novas medidas para os alcançar". Sexta-feira será, portanto, um dia importante e que permitirá avaliar a estreia do Key for Schools no nosso país. O Inglês promete continuar a ser uma aposta da tutela que sempre destacou a importância que a língua tem para os alunos de hoje, profissionais de amanhã. "Estamos a caminhar no sentido de que existam condições para que a disciplina tenha um maior sucesso, ou seja, que os alunos terminem o 9.º ano com um nível de Inglês mais avançado, comparável com o dos melhores alunos da Europa."

Associações expectantes com os resultados

A Associação Portuguesa de Professores de Inglês (APPI) está expectante com os resultados do Key for Schools e acompanha de perto os passos que o MEC tem vindo a dar para que o Inglês conquiste terreno nos programas curriculares. Apesar de tudo, e das reuniões e observações que a APPI tem feito, o Inglês continua a ser uma disciplina facultativa no 1.º ciclo. Alberto Gaspar, presidente da APPI, lembra que já na altura da ministra Maria de Lurdes Rodrigues se chamava a atenção para que a disciplina fosse obrigatória no primeiro nível de ensino. Em vão. O Inglês entraria no 1.º ciclo, mas como uma disciplina facultativa nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). E os alertas relativamente à diminuição da carga horária do Inglês, do maior número de alunos por turma, e de não se ter estabelecido uma base de vencimento por hora para os professores de Inglês da AEC, não surtiram efeito. "A situação da precariedade das AEC continua até aos dias de hoje", observa o responsável.

A APPI defendeu o que, em traços gerais, o CNE recomenda à tutela: Inglês a partir do 3.º ano de escolaridade como disciplina obrigatória. Até para que, sublinha Alberto Gaspar, "a disciplina ganhe o mesmo prestígio que as outras disciplinas do 1.º ciclo têm". Na sua opinião, é preciso analisar e avaliar o que será no terreno para perceber se fará ou não sentido aplicar o Inglês a partir do 1.º ciclo do ensino básico. Em setembro do ano passado, o MEC apresenta o Key for Schools e aplicou-o no mesmo ano letivo. A APPI não colocou qualquer reserva ao teste, que tem o carimbo de excelência da Cambridge, aplaudiu esta avaliação externa, mas questionou o processo. "A APPI tem as melhores opiniões dos exames de Cambridge", garante Alberto Gaspar. O problema foi a "pressa" da aplicação da prova: "No mesmo ano letivo em que se anuncia uma iniciativa inédita, ela é aplicada." O que, em seu entender, foi "pouco prudente". Segundo o responsável, a tutela deveria ter apostado na divulgação do exame e a formação dos professores deveria ter sido feita com tempo. "A iniciativa foi anunciada em setembro e durante dois meses não saiu uma notícia. Só em dezembro é que saíram mais notícias que iam sendo emendadas e corrigidas à medida que o tempo ia passando", refere.

A Associação Nacional de Professores de Língua Inglesa (ANPLI) também aguarda pelos resultados da prova Key for Schools. "A partir daí, poderemos tirar algumas ilações", refere Ana Neves, presidente da ANPLI, ao EDUCARE.PT. A aposta do MEC no ensino do Inglês é bem-vinda, uma mais-valia para os alunos que, quando deixarem de estudar, terão de enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. "Saber inglês é absolutamente fundamental", garante a responsável, que concorda com a aposta que está a ser feita na disciplina.

O Key for Schools surge nesse contexto, no investimento que o MEC está a fazer, e Ana Neves sublinha que o certificado da Cambridge, instituição reputada internacionalmente, é um instrumento importantíssimo nas mãos dos alunos, uma vez que "é válido em qualquer parte do mundo". "Por muito bem que os professores de Inglês preparem os seus alunos, por muito boas notas que eles tirem, os resultados não podem ser utilizados como o certificado da Cambridge, que é válido em todo o mundo". Certificado que tem um custo inferior para as famílias, mediante o seu escalão social, o que é também uma vantagem.

Ana Neves considera que o Key for Schools foi uma prova "muito elementar" e, por isso, defende o First Certificate para aumentar o nível de exigência - possibilidade que, aliás, o IAVE está a ponderar. Seja como for, a vontade de incluir o Inglês como disciplina obrigatória no 1.º ciclo, ou seja, cada vez mais cedo no percurso escolar, é bem recebida. A presidente da ANPLI afirma que é preciso "refletir", provavelmente fazer "alguns reajustes", e "utilizar os recursos humanos". Ana Neves refere que os professores de Inglês estão naturalmente habilitados para assumir a função de ensinar os alunos mais pequenos, mas que provavelmente será necessária "uma formação mais específica" para esses profissionais.

¿